

BERTI, Enrico. *As Razões de Aristóteles*, tradução de Dion David Macedo. São Paulo: Edições Loyola, São Paulo, 1998.

Lucas Angioni\*

Enrico Berti discorre sobre as várias formas de racionalidade estabelecidas e praticadas por Aristóteles, também com o objetivo suplementar de oferecer alguma contribuição para o atual debate sobre a crise da racionalidade. No entanto, ao contrário de um livro anterior, *Aristóteles no século XX* (também publicado pelas Edições Loyola), no qual fornece uma meticulosa apreciação das diversas “apropriações” da filosofia aristotélica pelas diversas correntes filosóficas deste século, este livro se concentra em construir, através de um breve porém incisivo exame de passagens das obras de Aristóteles, um painel geral das diversas formas de racionalidade que podemos imputar diretamente ao filósofo grego.

São estas diversas formas que subdividem o livro. O primeiro capítulo é dedicado à “Apodíctica e dialética”, formas de racionalidade que Aristóteles teorizou nas obras hoje reunidas sob a rubrica geral de *Órganon*. No segundo capítulo, Berti se volta para “o método da física”, isto é, as formas de argumentação que Aristóteles desenvolve na obra intitulada *Física* (mais do que as formas de investigação empírica que podemos encontrar nos tratados biológicos). O terceiro capítulo, por sua vez, aborda a forma de racionalidade específica àquela ciência filosófica desenvolvida na obra *Metafísica* -, e antes de encerrar o livro com um capítulo sobre a “retórica”, Berti volta suas atenções, no capítulo 4, para o “método da filosofia prática”, isto é, as formas de racionalidade específicas ao domínio das duas *Éticas* e da *Política*.

O painel geral que Berti constrói é absolutamente simpático e instrutivo. Alguns detalhes controversos merecem melhor discussão, mas deve-se ressaltar a extrema destreza com que Berti nos apresenta, com notável simplicidade, uma convidativa introdução à filosofia de Aristóteles.

---

\* Depto. de Filosofia - Unicamp

Assim, no primeiro capítulo, Berti nos apresenta um excelente resumo da concepção aristotélica de ciência demonstrativa, no qual ressalta diversas conquistas exegéticas das últimas décadas, de modo a introduzir o leitor diretamente no “estado da questão”. Berti assume assim a “nova ortodoxia” estabelecida (dentre outros) por J. Barnes (ver p. 10, nota 5), que concebe a “ciência demonstrativa” estudada nos *Segundos Analíticos* como um modelo geral de *transmissão do saber já adquirido*, portanto como um modelo fundamentalmente didático, e essencialmente relacionado aos procedimentos de axiomatização praticados pela geometria contemporânea a Aristóteles. Ainda no mesmo capítulo, a “racionalidade dialética” que Aristóteles tematiza nos *Tópicos* nos é apresentada de maneira primorosa: trata-se de uma técnica de discussão que assume as opiniões reputadas pelo adversários, buscando reduzi-las à auto-contradição. Seja ao perguntar ou ao responder, o dialético teria como parâmetro a coerência interna de um conjunto de opiniões, e em vista disso procuraria levar o adversário à contradição e evitar ele próprio cair em contradição consigo mesmo. Os seus alguns instrumentos básicos seriam a análise semântica (isto é, a distinção dos diversos modos ou sentidos em que certo termo é usado) e a *diaporia* ou “desenvolvimento diaporético”, que consiste em desemaranhar as implicações de duas teses contraditórias que se propõem à discussão, a fim de apreciá-las a partir de suas respectivas conseqüências. Esta racionalidade dialética pode assumir diferentes funções de acordo com o contexto ou o interesse de quem a utiliza: ela ou simplesmente testa de maneira crítica as pretensões do interlocutor, ou, em seu uso mais nobre, presta auxílio à filosofia e às ciências na procura pelos primeiros princípios.

No segundo capítulo, por sua vez, Berti assume inteiramente a nova perspectiva exegética que se abriu com os trabalhos de G. E. L. Owen (“*Tithenai ta phainomena*”, 1957, ver p. 60) e W. Wieland (*Die Aristotelischen Physiken*, 1962, ver p. 46), e assim defende que as formas de racionalidade que encontramos na obra intitulada *Física*, longe de constituírem (ingênuos) métodos de pesquisa empírica (como durante séculos se concebeu), se configuram antes como formas de argumentação que, a partir da análise dos modos de linguagem usados

ordinariamente para descrever o mundo, procuram remontar aos princípios neles implícitos, estabelecendo-os em sua devida necessidade e valor explanatório. Assim, longe de tomar como ponto de partida dados perceptuais recolhidos com pouca ou nenhuma precaução crítica, a *Física* assumiria como ponto de partida as formas ordinárias do discurso sobre o mundo natural e, no exercício deste modo de racionalidade, se aproximaria da dialética, tal como entendida por Aristóteles. Por outro lado, este “método da física”, longe de se configurar como uma outra concepção de racionalidade científica, que seria incompatível com aquela delineada nos *Segundos Analíticos* (como imaginou J.-M. Le Blond, citado por Berti a este respeito na p. 52), se apresenta como uma racionalidade que se ocupa fundamentalmente dos procedimentos de investigação e descoberta, mediante os quais poderiam ser alcançados os primeiros princípios que permitiriam a estruturação do saber adquirido, segundo as normas da apodíctica.

No capítulo seguinte, Berti mostra a íntima solidariedade entre este método de algum modo dialético da *Física* e o método da *Metafísica*. Também nesta última obra, tal como na *Física*, os instrumentos básicos de Aristóteles seriam tomados da racionalidade dialética, a saber, a análise semântica, o procedimento diaporético, os procedimentos refutativos, etc. Até mesmo a teologia exposta no livro XII se constituiria fundamentalmente por tais procedimentos dialéticos. Berti demonstra também, com muito cuidado, que a metafísica, longe de se limitar ao registro meramente dialético, utiliza tais instrumentos a fim de alcançar pretensões mais amplas sobre a natureza do próprio ser enquanto ser. Assim, a análise semântica delineada na *Metafísica* seria fundamentalmente uma “semântica ontológica” que, mediante uma análise dos pressupostos e regras da linguagem, procuraria delimitar os princípios segundo os quais os entes se articulam objetivamente no mundo.

No capítulo final, a respeito da “retórica”, Berti ressalta novamente a presença pervasiva da racionalidade dialética: pois a retórica, em seu bom uso, seria exatamente um desdobramento da dialética em vista da persuasão, tendo em vista o bem político. Antes disso, porém, no capítulo 4, Berti se ocupa com a racionalidade própria à filosofia prática de Aristóteles. Aqui, temos algumas novidades: além

da racionalidade dialética, que novamente se faz presente no método diaporético que busca preservar a consistência interna de um sistema de opiniões reputadas (os *endoxa*), temos a *phronesis*, que consiste em um tipo peculiar de racionalidade. Como virtude da parte prática (e não da parte teórica) da alma, a *phronesis* se mostra como uma espécie de intuição sensata, capaz de apreender de maneira acertada e conveniente os meios adequados para a realização dos fins bons, ditados pelas virtudes éticas.

É além da *phronesis*, temos a “intenção tipológica”, pela qual Aristóteles circunscreve o grau de exatidão que é cabível e conveniente ao domínio da filosofia prática. Trata-se de uma forma de racionalidade inteiramente diversa da apodíctica que governa a exposição de uma ciência teórica, pois não almeja a exatidão matemática e se contenta com uma esquematização geral, que seja suficientemente capaz de auxiliar a formação do caráter e ensejar as boas ações.

É natural que o autor, tendo em vista uma breve exposição de temas complexos e controversos, efetue algumas simplificações. No entanto, estas últimas sempre cumprem a função principal de introduzir e estimular o leitor na compreensão da filosofia aristotélica. Alguns detalhes, no entanto, mereceriam maior discussão. Ressaltarei apenas dois deles.

Em primeiro lugar, quanto ao “método da física”, parece-me que Berti assume de maneira muito entusiasmada a nova perspectiva construída a partir dos trabalhos de Wieland e Owen (ver p. 46). Não se trata de negar o mérito e a importância destes trabalhos, que de fato estabeleceram novos parâmetros e desafios para as empreitadas subsequentes. Trata-se de assinalar algumas das dificuldades em que esta nova perspectiva se enreda, e que Berti não nos parece contemplar de maneira satisfatória.

Após a mencionado trabalho de Owen, assumiu-se que a *Física* se apresentaria basicamente como uma discussão dialética ou das opiniões reputadas pelos doutos adversários de Aristóteles (platônicos e pré-socráticos) ou das formas ordinárias de se descrever a experiência do movimento na natureza. No entanto, vários intérpretes reagiram a este quadro, que reputaram excessivamente “coerentista”, como se bastasse à “física”, como a toda e qualquer dialética, encontrar a máxima consistência interna de um conjunto de opiniões reputadas.

É verdade que vários desses trabalhos foram publicados depois da série de conferências que resultou neste livro (as quais datam de junho de 1988): *Aristotle's First Principles*, de Terence Irwin, por exemplo, é de 1988, e o excelente artigo de Robert Bolton, "Aristotle's Method in Natural Science: *Physics I*", saiu apenas em 1991 (in L. Judson, ed., *Aristotle's Physics*, Oxford, Clarendon Press, 1991, p. 1-29). Não obstante, tanto o trabalho de Irwin como o de Bolton foram renunciados e preparados por publicações anteriores de ambos, cujos argumentos e pretensões Berti parece não levar suficientemente em consideração.

Por outro lado, o trabalho de Wieland, apesar de todas suas irrecusáveis conquistas, deixou um enorme incômodo a ser resolvido pela exegese posterior: se a disciplina que Aristóteles denomina *física* de fato consiste naquilo que Wieland descreve, quais são os parâmetros para diferenciá-la da filosofia primeira? Se não quisermos confinar a filosofia primeira ao mero domínio da teologia, e se atentarmos aos procedimentos e interesses que presidem o desenvolvimento da mesma nos livros centrais da *Metafísica*, devemos encontrar critérios mais acurados para distingui-la do empreendimento filosófico que é efetuado na *Física*. É verdade que Berti aborda o problema de modo direto: mas os seus apelos à célebre "tripartição das ciências especulativas" delineada no livro VI da "Metafísica" nos parecem insuficientes para resolver esta questão (ver p. 65, 75-77, 86). Nessa "tripartição", como se sabe, a teologia parece ser expandida como uma "ciência universal porque primeira" (1026a 30-31); mas se esta expansão envolve a "semântica ontológica" que o próprio Berti tão bem reconhece, quais seriam os critérios para diferenciá-la do empreendimento filosófico que é realmente levado a cabo na *Física*? Pois também esta obra pode ser inteiramente entendida como uma "semântica ontológica" que culmina numa teologia de cunho dialético.

É também controversa a opinião de Berti a respeito do significado preciso de "*endoxa*" no método da ética. Berti (p. 130) sustenta que os *endoxa* seriam as premissas que o adversário jamais reputaria como falsas e que, assim sendo, serviriam como critério para apreciar as opiniões a serem discutidas. Mas, ora, é bem possível que os "*endoxa*", ainda que se comportem (segundo este sentido acima assinalado) como *princípios comuns* às discussões éticas,

também possam se referir a opiniões simplesmente reputadas como válidas (mas não tidas por indisputáveis), isto é, opiniões passíveis de discussão<sup>1</sup>.

Não obstante, todos estes problemas evidentemente não tiram o mérito do livro de Berti e muito menos a boa ocasião de sua publicação entre nós. É inteiramente oportuna esta intervenção de Berti no debate contemporâneo sobre a crise da racionalidade, na medida em que resgata de maneira viva o pensamento aristotélico como um fundamental parâmetro para a atual discussão do problema. Mas eu diria que mais oportuna ainda é a tradução deste livro para o português: diante da escassez de instrumentos de trabalho disponíveis em língua portuguesa, dificilmente poderíamos desejar um melhor ensejo para reforçar os estudos aristotélicos entre nós.

---

<sup>1</sup> Para discussão detalhada deste ponto, ver o recente artigo de A. Muñoz, "Sobre a definição de dialética em Aristóteles", *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série 3, vol. 8, n.º. Especial, p. 127-159, 1998.